

Fernando Pessoa

**[Cartas a João Gaspar Simões — 2/4 Abr. 1933]**

Apartado 147.

Lisboa, 2 de Abril de 1933.

Meu querido Gaspar Simões:

Tantas foram as complicações de ordem prática e urgente que desabaram sobre mim o mês passado que só hoje — domingo — pude começar a passar a limpo os *Indícios de Ouro* do Sá-Carneiro.

Aí lhe mando o que já passei, que é quase metade do livro. Ir-lhe-ei mandando o resto à medida que o for trasladando. Envio, e enviarei sempre, dois exemplares, pois pode ser conveniente v. ter um duplicado, e nada custa tirá-lo quando se escreve à máquina. Logo que esteja pronto o traslado dos *Indícios de Ouro*, farei o do *Guardador de Rebanhos*.

O Sá-Carneiro aceitava a ortografia moderna, simplificada, oficial — ou como se lhe queira chamar. Não sei se vocês seguem um critério de uniformização ortográfica nos livros da colecção; seja como for, no caso do Sá-Carneiro isso está certo, pois assim ele queria e fazia, pedindo às vezes que lhe emendassem a ortografia, para ficar certa com a oficial, onde ele tivesse dúvidas se escrevera realmente de acordo com ela.

Não garanto que esteja tudo rigorosamente certo por esse critério. V., porém, fará o necessário para que fique certo. Há, possivelmente, erros de grafia do próprio Sá-Carneiro, e alguns haverá meus, por lapso, ao copiar. Há porém algumas observações a fazer, relativas a pontos onde se não deve emendar, ou alterar, embora pareça melhor de outra maneira. Os pontos resumem-se a três: (1) Certas palavras (por ex. *Ouro* ou *oiro*) que se escrevem indiferentemente com OU ou OI, escreve-as o Sá-Carneiro umas vezes de uma maneira, outras vezes da outra; isto correspondia, como sei, a um impulso rítmico, e não deve portanto

alterar-se. (2) Há que manter as maiúsculas como ele as pôs, embora por vezes não seja fácil perceber porque delas usou, e outras vezes o uso seja absurdo e até contraditório dentro do mesmo poema. Nisto, como v. compreende, também se não deve tocar. (3) O mesmo se aplica à pontuação, extraordinariamente irregular e fantasista, mas a que o Sá-Carneiro ligava uma grande importância. Várias vezes eu repontei com ele por causa de traços onde conviria pôr vírgulas, ou ponto-e-vírgulas, etc. Mas ele, apesar de pronto a anuir em outras coisas, nesta nunca anuiu. Concordava muitas vezes comigo, mas tinha amor a essa pontuação especial. Por isso se lhe não deve também tocar.

Creio que são estas as únicas observações que há a fazer. Depois de estar completo o traslado do livro, enviar-lhe-ei uma nota preliminar, ou projecto dela, para v. ver se tem cabimento. Pensei, primeiro, em mandar, para prefácio, as breves linhas que escrevi, com o mesmo sentido, na *Athena*. Acho melhor não as incluir. Mas é por certo essencial que se diga qualquer coisa (uma página ou duas bastará) sobre os *Indícios de Ouro* a sua publicação agora, etc.

Propriamente falando, os *Indícios de Ouro* acabam numa composição chamada *Último Soneto*, publicada já ou na *Athena* ou noutra lugar (neste momento não me lembro) ; e o soneto que começa: «Que rosas fugitivas foste ali!» e acaba «Onde a minha saudade a Cor se trava». Para além disto há os três sonetos *O Fantasma*, *El-Rei* e *Aquele Outro* (publicados na *Athena*), um poema *Crise Lamentável*, que está inédito, e os versos finais (que vieram na *Athena* também), aquela espécie de pré-epitáfio com que fecham os poemas ali insertos — Ora confesso que não sei se deixe os *Indícios de Ouro* fechados com o *Último Soneto*, se lhe agregue estes outros poemas. Há argumentos em favor de qualquer das coisas: por um lado o livro estava naturalmente completo com o *último Soneto* a fechá-lo; por outro lado o Sá-Carneiro, numa das suas últimas cartas, dizia-me que, quando publicasse o seu livro de versos, juntasse estes poemas. O natural seria esta segunda hipótese. Receio, porém, que apareçam outros poemas, que ele se esquecesse de mencionar, entre as muitas cartas que me escreveu de Paris por essa altura e pouco antes, e que não tive ainda ocasião de reunir e examinar com cuidado, carta a carta. Ora estes poemas, a aparecer, formariam, com os tais suplementares, os *Últimos Poemas* do Sá-Carneiro, e assim deveriam figurar nas *Obras Completas*, não aqui neste livro. Se v. tiver alguma opinião que ache que me pode habilitar a ver claro nisto, dê-ma.

3 de Abril.

Por efeito da acção vulgar do tempo normal, não-einsteiniano, tive ontem que interromper esta carta na altura em que v. a vê interrompida. Estive hoje a rever o que tinha passado a limpo, e a fazer certas emendas, sobretudo as que derivavam de uma comparação do texto escrito do Sá-Carneiro com o texto impresso no *Orpheu*, naqueles poemas do livro que saíram no n.º 1; fiz prevalecer, é claro, o texto do *Orpheu*, pois esse foi revisto, com o devido cuidado, pelo Sá-Carneiro e por mim.

Esquecia-me de apontar que, não para poupar papel mas tempo, copiei os poemas a fio; suponho, contudo, que v. os fará imprimir em páginas separadas. Assim estão, é claro, no próprio livro manuscrito do autor.

Esta carta deve seguir amanhã, e não ainda hoje, e é possível que eu consiga arrancar uns minutos consecutivos ao comércio de Lisboa para avançar o traslado do livro. Interrompo outra vez.

4 de Abril.

Fecho esta carta sem adiantar nada no traslado dos poemas. Vai assim, para não demorar mais. Retomarei amanhã o trabalho de copiar. Estive, agora mesmo, a completar a revisão pelo *Orpheu* dos poemas que lá vieram. Mas, enfim, isto sempre foi um pouco apressado, embora não creia que vão muitos erros: na leitura das provas se fará o necessário para tudo ficar certo, ou, pelo menos, o mais certo possível.

Tive pena que a sua estada em Lisboa, aquando da sua conferência, coincidissem com alguns dias de maior invisibilidade minha. O Almada Negreiros disse-me que v. me tinha procurado, ou que me ia procurar — ele não esclareceu bem qual das coisas era —, mas, se v. me foi procurar em qualquer lugar onde eu costumo estar ou passar, ninguém me deu indicação a esse respeito. Isto me desculpará perante v. de qualquer lapso mais concreto, se porventura houvesse ocasião de mo atribuir.

Sempre e muito seu,

Fernando Pessoa.

P. S. — Desculpe o atabalhado desta carta, em todos os seus capítulos, máquinas de escrever diferentes, etc. À força de ter tantas coisas que fazer, todas ao mesmo tempo, estou com a alma não-euclidiana. Outro dia serei (espero) de uma geometria mental mais da velha tradição.

2-4-1933 3-4-1933 4-4-1933

Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões. (Introdução, apêndice e notas do destinatário.) Lisboa: Europa-América, 1957 (2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1982): 100.